

“Reforma não se faz com ato de império”

Esta é a íntegra do pronunciamento feito pelo presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso:

“Quero dizer da minha alegria pela realização das eleições, de forma tão democrática, tão positiva, e também pelos resultados. É inegável que o povo brasileiro, através do eleitorado, mais uma vez reafirmou a vontade de prosseguir no caminho de mudanças, no caminho de transformações, que se façam dentro da lei e do que o País deseja.

Não posso também deixar de registrar minha satisfação pelo fato de que o PSDB

teve vitórias expressivas, e que os demais partidos também obtiveram, muitos deles, suas vitórias, e elegeram seus governadores. Temos um quadro de governadores que me parece muito positivo para o Brasil. O resultado das urnas será ressaltado em termos legais e políticos. Tenho certeza de que o presidente Itamar Franco tem a mesma satisfação com o resultado da eleição, que, acrescento eu, foi presidida de forma isenta pelo presidente Itamar.

Quero reafirmar minha disposição de trabalhar com todos os governadores, sejam do meu partido, de partidos que me apoiaram ou que não me apoiaram, pensando sempre no que é importante, que são as transformações que o País deseja. Estarei sempre disposto a discutir os problemas nacionais e a encaminhar junto com os governadores as soluções dos problemas dos Estados.

O fato de governadores que me apoiaram terem sido eleitos, aumenta pari passu minha responsabilidade de exercer a Presidência num contexto de um Brasil que começou a se reorganizar no governo Itamar Franco e que fez uma opção clara por reformas. Eu vou me empenhar na realização dessas reformas.

Reforma não se faz com ato de império. Reforma não é o resultado de um decreto. Reforma não é o resultado da aprovação de uma lei pelo Congresso e nem mesmo de uma transformação na Constituição. Reforma é um processo. É uma coisa que permanentemente deve estar no espírito de todos nós, que assumimos a responsabilidade perante o País e que no dia-a-dia, na gestão, na discussão de cada problema, temos de ter em vista um objetivo de mais longo prazo. Eu farei, como já disse e reafirmo aqui, um discurso de despedida do Senado, onde direi de forma concreta quais são as linhas das transformações que me parecem necessárias.

Eu quero deixar também claro — nesse momento em que o Brasil reafirma sua vocação para a democracia e pela mudança em favor de uma economia mais moderna, mais aberta e de uma população mais atendida pelos poderes públicos e com uma distribuição de renda mais compatível com a dignidade de uma vida decente — eu quero reafirmar que os objetivos de transformação serão permanentes e que a concepção dessa transformação não vai ser feita de afogadilho.

E assim como, enquanto ministro da Fazenda, com todo apoio do presidente Itamar Franco, eu disse sempre ao País o que iria fazer, e sempre pedi apoio e nunca aceitei uma atitude tecnocrática, uma atitude que fosse de soberba, uma atitude que fosse de imposição, como presidente da República eu não vejo razão para mudar o meu modo de ser.

O País não precisa ficar na expectativa de surpresas, porque surpresa não resolve nada. Ou nós, no dia-a-dia, construímos as transformações e convencemos a população da necessidade delas, e também somos convencidos, quando for o caso, da necessidade de mudar de rumo, ou nós não construiremos realmente uma transformação democrática e duradoura.

Não vai ser meu estilo de governo, como não foi o do presidente Itamar Franco, o de surpreender o País com medidas que ninguém espera, ou que muitas vezes especulações daqui e ali antecipam sem nenhu-

ma base.

No momento adequado eu direi o que vai ser feito, como vai ser feito, e pedirei o apoio de todos, e já peço desde já a compreensão dos novos governadores para as medidas que nós vamos ter de tomar. Nós vamos continuar atentos ao processo de combate à inflação.

Eu acho que o resultado das eleições manifestou de maneira muito clara que o País deseja a estabilidade econômico-financeira, quer ter uma moeda sólida, uma moeda que signifique para o trabalhador uma garantia de que o seu esforço de trabalho não será corroído pela inflação. Esta



**PAÍS NÃO
PRECISA FICAR
NA EXPECTATIVA
DE SURPRESAS**

decisão já não é mais de um governo, é de um povo, que aprovou essa conduta.

Nós vamos continuar nessa direção e os governadores que estão eleitos sabem que também o foram na mesma medida em que inspiraram confiança ao povo, confiança de que seriam fiéis seguidores desta conduta. Isso vai implicar em um conjunto de medidas que serão tomadas sempre em diálogo, mas serão tomadas, no sentido de que o saneamento das finanças públicas pros-

sigam.

Serão tomadas porque é imperioso tomá-las. Não se trata hoje de uma decisão da União, mas uma decisão conjunta do povo brasileiro, que exige que governadores e presidente da República nos debruçemos todos para resolver aquilo que foi sendo postergado. E eu tenho a convicção de que esse sentimento de austeridade não é só do governo federal. Será compartilhado pelos Estados.

Eu quero dizer também, como tenho dito sempre, que no momento adequado comporemos um governo que será a expressão dessa vontade de transformação, que será um governo unido por um programa é que, ao mesmo tempo em que estará atento à necessidade da estabilização, não vai se esquecer de que um País como o Brasil precisa de produção. Para aumentar sua produção, precisa dar condições para que os setores industriais, setores agrícolas, possam realmente investir com tranquilidade. Que tenham a certeza de que a competição, que é saudável, vai ser uma

competição feita a partir também do desenvolvimento tecnológico, que permita enfrentar as dificuldades que qualquer competição hoje em dia impõe a nível internacional, e que nós tenhamos as medidas adequadas para defender os nossos produtores do que se chama a

competição desleal.

O esforço, que será grande, na continuidade do processo de saneamento das finanças e de manutenção do valor do real em termos compatíveis, como já disse aqui, com a dignidade de um país que sabe que a inflação é um mal que não pode ser aceito, esse esforço virá para, pari passu com uma preocupação de que a produção nacional continue crescendo e que nós tenhamos efetivamente, no decorrer dos anos de governo que me esperam, condição para que nós possamos retomar ritmos estáveis de um desenvolvimento sustentado.

Ninguém mais hoje em dia aceita as formas selvagens de crescimento econômico. Desenvolvimento sustentado significa um desenvolvimento voltado para acabar com os bolsões de miséria e pobreza e significa também respeito às condições ambientais. E eu peço nesse momento de tanta alegria para tantos governadores e aqueles que já foram eleitos no primeiro turno, eu peço que nos unamos nessa direção.

Não tenho o menor cuidado quanto ao modo como vamos compor o governo e reafirmo apenas que será um governo comprometido com esses objetivos, que são os objetivos aprovados pelo povo. Será

um governo sensível às realidades políticas, será um governo que estará permanentemente dialogando com as forças do Congresso Nacional, do qual sou membro e no qual aprendi muito sobre a vida pública brasileira, mas um Congresso que hoje, depois de experiências tão traumáticas pelas quais passou, sabe também que a opinião pública tem um balizamento muito claro e que a opinião pública não aceita mais procedimentos que em outras épocas puderam ser rotineiros. Não serão mais rotineiros.

O diálogo com os partidos será um diálogo muito franco. E aqueles que se dispuserem a apoiar o governo, participarão do governo para apoiar um programa. Terão as responsabilidades correspondentes a essa postura, responsabilidades político-administrativas, mas não se tratará mais de uma negociação pontual, através de concessões a A, B, C ou D, em termos do dá-cá-toma-lá. O País não aceita mais esse procedimento e os partidos também não o aceitam.

Eu devo dizer, com muita alegria para mim, que depois de eleito conversei com vários líderes partidários, os líderes dos partidos que me apoiaram estão conversando com outros líderes partidários, e que todo nosso desenrolar de negociações tem sido feito em termos de consciência das necessidades do País. Não houve e não haverá, porque isso será inútil, qualquer outro tipo de negociação. Negociação hoje é às claras. Temos um objetivo, temos um programa, precisamos de apoio, o povo quer esse programa e nós precisamos constituir governos capazes de levar adiante essas transformações.

Tão importante quanto essa atitude de uma permanente busca de mudança — e não simplesmente de um dia D em que as coisas aconteçam — é a capacidade, portanto, de gestão. O Brasil cansou de uma gestão irresponsável e da incompetência. E a competência há de ser um critério fundamental aliado com o critério do comprometimento político com os objetivos definidos na campanha eleitoral e afinados hoje com a opinião pública em sintonia plena com a população brasileira.

Eu quero dizer também que com esse propósito, com esse espírito, daqui por diante eu passarei a ter conversas mais persistentes com lideranças políticas, com os partidos, com os líderes no Congresso Nacional, e vamos iniciar a discussão sobre as reformas que serão necessárias e já tenho grupos de trabalho discutindo algumas dessas transformações.

Teremos quatro anos de governo. Não vamos governar 100 dias, mas muito mais

que cem dias. Nos cem dias que todo mundo fala, se pode dar sinais, mas os sinais espetaculares só servem para desiludir em seguida a população, quando eles não são seguidos de uma atitude permanente de transformação e de reforma.

É com esse espírito

que nós vamos pedir que o Congresso apoie algumas modificações, algumas na Constituição, outras em matérias de legislação, mas sobretudo com a experiência que hoje tenho de parlamentar, de pessoa que exerceu funções no Executivo, sobretudo com o sentimento de que a lei não basta, de que é preciso que ela seja cumprida e que a gestão muitas vezes é suficiente para suprir lacunas legais ou para contornar dificuldades que muitas vezes parecem insuperáveis e que mais vale dar a batalha do dia-a-dia na gestão do que pura e simplesmente anunciar grandes transformações que depois não têm condições de ocorrer.

Elas vão ocorrer. Elas já estão ocorrendo, e elas vão ocorrer porque o povo hoje é um povo maduro, é um povo que sabe perfeitamente acompanhar os acontecimentos, e porque os dirigentes políticos brasileiros já foram sensíveis ao sinal dos tempos e já estão afinados com esse novo espírito. Os que não estiverem, não estarão e terão perdido o bonde da história.

Quero também dizer que num regime democrático a oposição é necessária e que o governo sob minha condução não estará disposto à cooptação. Estará sempre disposto a discutir problemas nacionais com

quem esteja em oposição, porque são problemas nacionais. E estará sempre disposto a pedir o apoio para questões nacionais, mas respeitará as posições daqueles que por quaisquer que sejam as razões se oponham ao governo e estejam fazendo sua crítica.

Isso vale para os governadores eleitos que não são da coligação que me apoia, com os quais manterei, como sempre mantive no decorrer de toda a minha vida pública, um diálogo respeitoso, e pensando sempre que, quando o povo elege, quem decidiu foi o povo e que o

povo não pode ser penalizado se eventualmente o eleito não for, até mesmo do agrado — e não é o caso — pessoal do presidente da República.

As funções presidenciais não são compatíveis com iras pessoais, não são compatíveis com ressentimentos, não são compatíveis com mesquinhas. Se nós estivermos alinhados, como estamos, pensando grande, pensando num país que tem vitalidade, num país que hoje tem todas as condições de dar um grande salto, eu tenho a absoluta tranquilidade de que governo e oposição juntos, faremos tudo aquilo que for necessário para o Brasil se reafirmar, como já está sendo desenhado, como um

país que efetivamente não só é democrático, mas é próspero e capaz de distribuir melhor a sua riqueza.

Quero finalmente dizer que por volta do final de dezembro eu anunciarei o ministério e anunciarei sem precipitações. Não tem nenhum fundamento que eu vou pri-

meiro nomear tal ou qual ministro, ou que eu esteja negociando isso e aquilo. Não. A maioria dos senhores me conhece, sabe que eu sou uma pessoa de dizer com muita franqueza o que penso e eu disse desde o início como faria e estou fazendo como disse que faria.

Estou pensando primeiro quais são os projetos necessários, qual é o formato necessário para melhor atender às aspirações do País e em seguida vamos ver quais são as pessoas capazes de encarnar isso, prestando sempre atenção à competência técnica e à condição política, a base política, porque sem isso não se transforma o País.

O País não se transforma só pela vontade, nem imperial, nem a tecnocrática. Ele só se transforma quando existe apoio e esse apoio deriva da convicção e da sintonia entre a força política e a vontade da sociedade. Eu anunciarei com tranquilidade. Conversarei com muita gente daqui até a

formação do governo.

Pode fotografar à vontade, mas não deduzam de uma conversa com o presidente eleito qualquer preenchimento de ministério. Ou melhor, deduzam se quiserem, mas podem ter a certeza que não têm o meu aval e nem ninguém fala por mim. Eu disse isso desde sempre: ninguém fala por mim, a menos que eu tenha dito expressamente que vai falar.

E como o acesso ao presidente eleito vai existir na forma organizada como nós estamos fazendo, não fiquem demasiados ansiosos, porque no momento adequado espero ter a condição de apresentar ao País um conjunto de pessoas que serão apenas a ponta de um iceberg, porque nós precisamos de muita gente para mudar o Brasil e essa mudança não há de ser feita somente em função nem do presidente, nem dos seus assessores diretos. É preciso uma teia muito grande e essa teia depende, depende muito de que a informação seja transmitida corretamente e de que a população esteja convencida do rumo, de que haja apoio sustentado.

Finalizo, mais uma vez, felicitando os recém-eleitos governadores de Estado e dizendo que eu tenho a certeza de que juntos nós vamos realmente conseguir dar os passos adiante, que só vão ser possíveis porque o governo Itamar Franco tomou decisões sérias de enfrentar alguns dos mais difíceis desafios do Brasil. E isso facilita a tarefa do presidente eleito, que vai seguir no mesmo rumo.”

**GOVERNO
NÃO ESTARÁ
DISPOSTO À
COOPTAÇÃO**

**DIÁLOGO
COM OS
PARTIDOS SERÁ
MUITO FRANCO**